

(2010) ADÉLIA GOULART, CISALTINA MARTINS & MARIA NORBERTA  
AMORIM (COORDS.), *PICO: POÉTICA DA MONTANHA*.  
S. JOÃO DO PICO, DESAFIOS DA MONTANHA/ALVIÃO.

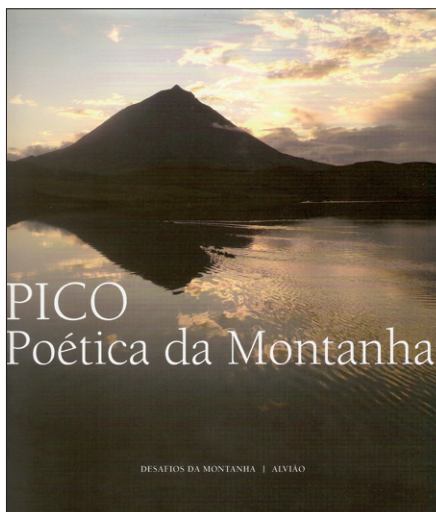
Rosa Maria Goulart – Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

*Pico: Poética da Montanha* é uma colectânea de poemas, acompanhados de magníficas fotografias, sobre aquela ilha, escritos por autores vários. Coordenada por Adélia Goulart, Cesaltina Martins e Maria Norberta Amorim, esta recolha, com introdução de Alberto Correia, é toda ela um espécie de hino ao Pico, representado na imponente montanha que, metonímica e simbolicamente, representa toda a realidade nele contida.

A epígrafe de Conceição Maciel dá o tom (emotivo), que a «introdução» prolonga e que dominará todo o livro. Se isto assim acontece, é porque se subentende que a selecção dos poemas é ditada por fortes relações de afecto, cuja expressão ninguém está interessado em esconder, sequer moderar. Parece-nos, ao contrário, que todos os textos contribuem para confirmar a dita epígrafe, a saber: que ninguém passa pelo Pico «sem deixar o coração». Afirmações destas, assumindo-se como discurso de validade universal, legítimas, mas forçosamente subjectivas, por maioria de razão porque incluídas no modo lírico, não

admitem, até por exigências de coerência, excepções. Assim, havia que escolher os autores e textos que se harmonizassem com esta perspectiva amorosa e entusiástica, o que não foi difícil, porque eles, efectivamente, existem e os picoenses agradecem.

Dos naturais da ilha, alimentados do húmus da terra que os viu nascer e crescer, outra atitude não seria de esperar. Que ela seja partilhada pelos de fora, corroborando os motivos de inebriamento dos que estão dentro,



fornece às organizadoras um suplementar argumento para esta mensagem celebrativa. Assim, adivinha-se o prazer que terá sido integrar, entre outros bem significativos, os belíssimos textos de Vitorino Nemésio, de Raul Brandão, de Manuel Alegre ou (este do século XIX) de Joseph e Henry Bullar.

Os cinquenta textos aqui incluídos distribuem-se por duas dezenas de autores. Havendo alguns deles representados com seis poemas, perguntamo-nos se seria por escassez de publicações sobre o tema ou por escolha deliberada das organizadoras, que terão rejeitado outros considerados menos representativos. Daqui nos ocorre um primeiro reparo: o leitor mais exigente teria gostado, para orientação da sua leitura, de um breve prefácio, ou introdução, onde se explicitassem os critérios que presidiram à selecção dos textos e respectiva representatividade em termos de estética literária, por um lado, e de temática sobre o Pico, por outro.

Se outro mérito esta colectânea não tivesse – mas tem, sem dúvida, vários outros –, ela teria o de nos fazer recordar belíssimos textos poéticos sobre o Pico, alguns de autores consagrados, mas também o de nos fazer conhecedores de outros menos divulgados, embora de qualidade desigual (mas destas desigualdades também se faz a literatura). Não se esquece tam-

bém o quanto as fotografias, nomeadamente a bela e sugestiva fotografia da capa, enriquecem e complementam esta edição, toda ela de esmerado apuro gráfico, a reforçar, pela imagem, o que os poemas verbalmente celebram.

Não cabendo numa breve recensão uma análise minuciosa de cada um dos poemas, deixaremos uma breve referência a alguns, pelo significativo olhar de autores que, vindo de fora, deixaram inesquecíveis textos sobre a ilha que os encantou. O de Vitorino Nemésio, inserto em *Sapateia Açoriana*, sintetiza magnificamente, em oito versos, toda uma realidade multifacetada da paisagem e do viver açorianos, numa harmoniosa convivência de elementos marítimos e terrestres, como se o mar e a montanha, tal como as actividades marítima e terrestre, fossem uma única realidade. Não falta a alusão à origem vulcânica da ilha, à sua altitude, ao seu habitual «manto» de nuvens.

Raul Brandão, que também não terá passado pelo Pico «sem deixar o coração», é um dos que, bem à maneira brandoniana, não hesita em abrir a alma nesta extraordinária descrição da ilha. Agora, os tons negros e cinza – que em *Hímus*, talvez o seu livro mais celebrado e, quanto a nós, o expoente máximo da sua obra literária, são essencialmente de carácter disfórico – são as cores da impo-

nência e do deslumbramento. A ilha «negra e disforme» que se apoderou dos seus sentidos nunca mais será a mesma aos olhos deste deslumbrado escritor: «Esta ilha negra e disforme apoderou-se dos meus sentidos. Tudo o que a princípio me repelia, o negrume, o fogo que a devora, o mistério, tudo me seduz agora» (p. 16).

Esta ilha negra, basáltica, inspirou igualmente a Manuel Alegre textos de uma extraordinária profundidade, onde aquilo que mais se impõe à visualização na sua concretude (a pedra negra, a vinha sobre a lava, o incenso e as criptoméricas, as gaivotas e os cigarros) é caminho para uma reflexão de teor metapoético («Pode escrever-se um poema com basalto», escreve em «Pico», p. 30) que se encaminha para o mítico, quase mitológico («Há na montanha um deus desconhecido», «Ilha do Pico», p. 32).

Finalmente, algumas observações, a primeira delas sobre o título: um livro desta natureza não tem de obedecer a uma estrita submissão a questões de rigor teórico-literário, mas teria sido aconselhável a escolha de um outro subtítulo, porque não se trata, efectivamente, de uma «poética» da montanha (não há poética explícita; tão-pouco implícita), mas simplesmente de poesia da (ou sobre a) montanha. Quanto às possíveis gralhas, só quem nunca teve a responsabilidade destas tarefas ignora como elas podem acon-

tecer, mas uma revisão mais cuidada teria evitado uma que muito prejudica o sentido do poema e que não deveria escapar a uma leitura mais atenta. Trata-se, em «Pico» (p. 30), da substituição de «cagarras», como está, efectivamente, em Manuel Alegre, por «cigarros», que não faz nenhum sentido no poema em questão e que faz do verso uma verdadeira aberração. Sugere-se, assim, às organizadoras que numa futura reedição tal lapso seja corrigido, para bem de um livro que é uma bela apresentação lírica da ilha para os desconhecidos e um motivo de satisfação e orgulho para os que, sendo dela, a revêem poeticamente e nela se reconhecem. Ainda uma nota final sobre esta recolha poética: apesar de não se tratar de uma edição para fins académicos, teria sido bem-vinda uma indicação da proveniência de cada um dos textos que a compõem. O leitor mais informado identifica grande número deles, mas não se espera que o mesmo se passe com todos. Aliás, se autores há reconhecidamente canónicos e com obra devidamente difundida, outros, mais recentes ou menos divulgados, escapam ao geral conhecimento dos leitores. Esta publicação, para além do seu evidente intuito de celebração e homenagem, poderia ter ido mais além nessa tarefa de aumentar o capital cultural dos leitores, mediante um convite implícito ao alargamento

contextual dos textos oferecidos em jeito de antologia.

Se deixamos a sugestão para uma eventual reedição (acreditamos que ela possa ter lugar, porque este livro é bem um objecto de fruição estética), é porque os poemas (e nesta designação incluímos os textos em prosa, que são verdadeiros poemas em prosa, de que se aproxima também o de abertura, da autoria de Alberto

Correia), alguns tão ricos e tão sugestivos, oferecidos à leitura são passíveis de suscitar no leitor curioso a vontade de conhecer algo mais sobre os respectivos autores.

Nenhuma destas observações pretende, no entanto, denegrir o mérito desta bela e cuidada edição que picoenses, admiradores e amigos do Pico terão prazer em guardar carinhosamente na estante. ROSA MARIA GOULART